

Garrigou-Lagrange:

O conceito de verdade na filosofia da ação e na nova teologia

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

Garrigou-Lagrange nasceu em 1877, em Auch, na França. Recebeu a primeira educação cristã na sua própria cidade natal. Os estudos ginasiais foram feitos em diversas cidades e concluídos em Tarbes. Dentre as matérias, destacava-se em Filosofia. Certa feita, o inspetor de um dos colégios em que estudou ficou impressionado ao ver com que argúcia e descortino o menino respondia às questões filosóficas. Tal inspetor era Jules Lachelier, um dos mais notáveis filósofos e católicos franceses do século XIX. Depois de haver concluído o *liceu*, Garrigou ingressou na *Faculdade de Medicina*, em Bourdeaux. Decorridos dois anos de curso e de uma vida sobremodo austera para um universitário, sentiu o chamado à vida sacerdotal, vindo a ingressar na *Ordem Dominicana* em 1887. Após haver terminado os seus estudos teológicos sob os auspícios do insigne teólogo Pe. Ambroise Gardeil, foi ordenado sacerdote no ano de 1902. Em 1904, é enviado à Sorbonne pelos superiores da *Ordem* para aperfeiçoamentos em filosofia. Lá, entre outros, teve como professor Henri Bergson. Em 1905, começou o seu magistério em Saulchoir como professor de *história da filosofia*. Passou também a dedicar-se mais profundamente ao estudo do pensamento de Tomás de Aquino e da escola tomista, empresa que iria acompanhá-lo pelo resto da vida.

No ano 1909, o Pe. Cormier – mestre geral dos Dominicanos e fundador do *Colégio Angélico (Ateneu Angelicum, futura Pontifícia Universidade Romana de Santo Tomás)* – chamou Pe. Garrigou – então com apenas trinta e dois anos de idade – para lecionar *Teologia Dogmática* em Roma. Garrigou exerceu o seu magistério no *Angelicum* durante cinquenta anos. Neste tempo, a sua fama de agudo filósofo já começara a se espalhar em virtude da publicação do seu primeiro livro: *Le sens commun et philosophie de l'être* (1909). No

Angelicum, ministrou a disciplina *De Revelatione* durante oito anos e comentou todas as partes da *Summa Theologiae*. Em 1917, já renomado teólogo, começou a ministrar cursos de teologia espiritual e, a partir de 1922, tornou-se *membro fundador* do chamado *Cercles de S. Thomas*. Como partícipe deste círculo, onde também ministrava palestras de teologia e espiritualidade, estreitou laços de amizade com célebres filósofos, entre os quais podemos citar: Jacques e Raissa Maritain, Charles Jourmet e O'Sullivan. Em 1923, publica uma meditação sobre espiritualidade que se tornará um clássico do gênero: *Perfection chrétienne et contemplation selon saint Thomas d'Aquin et saint Jean de la Croix*.

Sua ardente ortodoxia e sobeja inteligência fizeram com que fosse nomeado *consultor* do *Santo Ofício* no ano de 1955. Entretanto, a melhor parte da sua vida não está aí. Na verdade, permanece no cargo mais por admiração ao Cardeal Otavianni do que pelo ofício, já que as questões tratadas nas reuniões passam mui longe dos interesses do seu gênio especulativo, pois visavam muito mais ao campo prático. Vale lembrar, ademais, que Pe. Reginald foi professor e mestre de algumas das mais emblemáticas figuras da vida e da teologia católicas do nosso tempo. Entre estes, citemos o ilustre teólogo dominicano, Marie Dominique Chenu e Karol Wojtyla, depois Papa João Paulo II. Inobstante o peso dos anos e a saúde abalada, sua fama de arguto teólogo fez com que fosse ainda nomeado por João XXIII como *conselheiro* da *Comissão Preparatória Central do Concílio Vaticano II*. Porém, houve por bem renunciar ao cargo, devido ao seu agravado estado de saúde, prometendo ao Pontífice oferecer todas as suas dores pelo bom êxito do Sínodo. Veio a falecer no ano de 1964, no Mosteiro de Santa Sabina.

Pe. Garrigou foi escritor proífico e intrépido. Fidelíssimo ao tomismo clássico, repugnou as teses modernistas, defendendo com afinco as chamadas *vinete e quatro teses tomistas*. Estudou Caetano, Bãnez e João de Santo Tomás. Seu magistral estudo sobre teodiceia continua sendo referência obrigatória para quem estuda ou leciona esta disciplina: *Dieu. Son existence et sa nature* (Paris, 1914). O mesmo se pode dizer da sua obra clássica de *síntese*, também ela sobremaneira profunda e indispensável a quem deseja aprofundar-se no tomismo tradicional: *La synthèse thomiste* (Paris, 1946).

Neste artigo falaremos acerca da crítica de Garrigou-Lagrange ao conceito de verdade propugnado pela filosofia da ação e sua profusão dentro da teologia católica. Procuraremos discernir este novo conceito de verdade e como ele procede da filosofia da ação. Em seguida, envidaremos esforços para tentar mostrar qual a sua repercussão na filosofia e como ele é veiculado na teologia. Por fim, teceremos as considerações finais.

Passemos à consideração do novo conceito de verdade.

1. A nova definição de verdade

A crítica de Garrigou à “Nova Teologia” incide sobre variação adotada por esta, em relação à teologia clássica, do conceito de verdade. Com efeito, para a *teologia tradicional*, a verdade era: “adaequatio rei et intellectus”. Já para a “Nova Teologia”, a verdade passa a ser: “adaequatio realis mentis et vitae”¹. Ora, ante isso, interroga-se Garrigou: “De que vida se trata nesta definição: ‘conformitas mentis a vitae’?”² Ele mesmo responde: “Trata-se da vida humana”³. Destarte, conclui que, desta sorte, cai-se na tese modernista impugnada pelo Magistério: “A verdade não é mais imutável que o homem mesmo, pois se desenvolve com ele, nele e por ele”⁴.

Passemos a comentar estas asserções, a partir de uma breve análise da *filosofia da ação*.

2. A filosofia da ação

Não há como nos aprofundarmos nos argumentos que Garrigou colige contra a “Nova Teologia”, sem abordarmos, ainda que somente em suas linhas gerais, os fundamentos filosóficos do *movimento modernista*, que se alicerça na *filosofia da ação* de Maurice Blondel. Para Blondel, a questão filosófica por excelência é: “A vida humana tem ou não sentido?”. Ora, em Blondel, o núcleo fundante da *vida* é a *ação*. Destarte, “(...) é preciso transportar para a ação o centro da filosofia, já que lá se encontra também o centro da vida”⁵. Um das consequências desta reviravolta é que, o conceito de verdade, que sempre foi o ponto nevrálgico da filosofia clássica, não se encontra mais alicerçado no *ser* e, sim, na *ação*.

¹ Esta nova definição de verdade foi proposta por Maurice Blondel (1861-1949), filósofo francês e pai da chamada *filosofia da ação*. Ele a espousa em: *Annales de Philosophie Chrétienne*, de 1906. Porém, o seu livro mais famoso, e também o mais polêmico, permanece sendo: *L’ Action* (1893).

² GARRIGOU-LAGRANGE. **Para onde vai a Nova Teologia?** In: GARRIGOU-LAGRANGE. **La Synthèse Thomiste**. Paris: E. Desclée de Brouwer, 1946. Disponível em: <<http://permanencia.org.br/drupal/node/881#footnoteref13_dgn5do1>>. Acesso em 15/09/2011.

³ *Idem. Op. Cit.*

⁴ DENZINGER, Enrique. **El Magisterio de La Iglesia: Manual de los Simbolos, Definiciones y Declaraciones de la Iglesia en Materia de Fe y Costumbres**. Trad. Daniel Ruiz Bueno. Barcelona: Editorial Herder, 1963. 2058 (A tradução, para o português, é nossa).

⁵ *Idem. Op. Cit.*

Agora bem, a *ação é um contínuo devir*, que se caracteriza por uma permanente insatisfação entre a *vontade querida* e a *vontade que quer*. A sua própria dinâmica da ação é constituída por esta ininterrupta oposição entre o *poder* e o *querer*, ou seja, entre o *resultado* do seu desempenho e o que foi por ela *ansiado*. Com outras palavras, o objeto do nosso desejo estará sempre *além* do que *podemos* alcançar e do que *de fato* alcançamos pelo nosso *agir*. Assim sendo, a nossa *ação* permanecerá sempre *aquém* das aspirações da nossa *vontade*⁶, e, *ipso facto*, toda ação humana, pela própria insuficiência que comporta, reclamará sempre um *além* dela, isto é, uma nova ação⁷. Destarte, a ação consiste, por sua própria natureza, numa *constante mudança*, posto que sempre *insatisfeita* e a procurar uma satisfação que nunca alcançará plenamente. Encontrar-se-á, desta feita, num *perpétuo devir*, numa *infindável busca*: “(...) a ação está em perpétuo devir, como se estivesse angustiada pela aspiração de um crescimento infinito (...)”⁸. Ora bem, se a verdade é a *conformidade* da *mente* à *ação*, e se a ação muda continuamente, então, a verdade mesma estará sempre sujeita a constantes mudanças.

Neste cenário, é o próprio conceito de verdade que não é mais estável. Com efeito, a definição de verdade é, desta sorte, ditada de acordo com as *normas da ação*, e como a *ação nunca é fixa*, o conceito de verdade permanece *sempre oscilante*. Por conseguinte, não há mais lugar para as *proposições imutáveis*, porque as *exigências da ação* sempre se modificam e, com elas, a própria noção de verdade. De resto, a própria veracidade dos enunciados permanecerá sempre em constante mudança:

E como enfim manter que todas essas proposições são imutavelmente verdadeiras, se a noção mesma de verdade deve mudar, e se há que substituir a definição tradicional da verdade (a conformidade do julgamento com o real extramental e suas leis imutáveis) à definição proposta nesses últimos anos pela filosofia da ação: a conformidade do julgamento às exigências da ação ou da vida humana, vida que evolui sempre?⁹

⁶ MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente Vol 3**. 6ª ed. Trad. Benôni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1982. p. 138: “Ora, o que é próprio do agir é o contínuo ressurgir nele de um desequilíbrio entre o poder e o querer, entre a *vontade querida* e a *vontade que quer*, entre o resultado conseguido e o objetivo proposto.”

⁷ BLONDEL, Maurice. **L’Action**. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt**. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2006. p. 343: “(...) a ação é sempre um além (...). Para frente e para o alto, só assim a ação é ação.”

⁸ BLONDEL. *Op. Cit.* In: MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente Vol 3**. 6ª ed. Trad. Benôni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1983. p. 138.

⁹ GARRIGOU-LAGRANGE. *Op. Cit.*

Destarte, a verdade não é mais, como diz Garrigou, a conformidade do intelecto ao ser extramental e às suas leis indeclináveis; torna-se, antes, a conformação do intelecto à vida, que é a ação em processo de infindável evolução.¹⁰

Passemos a considerar as consequências da nova definição de verdade para a filosofia.

3. *As consequências do novo conceito de verdade na Filosofia*

Argui Frei Garrigou-Lagrange: como pode permanecer imutável uma definição na qual os dois termos são mutáveis? ¹¹ Com efeito, na “conformitas mentis a vitae”, nem a mente é imutável, porque é sempre mente humana e, como tal, mutável, haja vista que o homem é a sua vida e a vida se constrói pela extensão da ação que, por sua vez, nunca cessa ou repousa, nem a vida, tampouco, é imutável, uma vez que é vida humana e, *ipso facto*, está sempre em expansão. De fato, o homem está a todo o momento em perene insatisfação, sempre cambaleante em relação ao que o rodeia; ante os objetos que o cercam e que não podem saciá-lo, encontra-se sempre aquém das suas próprias aspirações.

Mas ainda não chegamos ao cerne da questão. Consoante o que dissemos acima, mudando a noção de verdade, transforma-se também a sua própria concepção. Isto equivale a dizer que, neste estado de coisas, a verdade não é mais regida pelas leis indeclináveis do ser e sim pela ação sempre mutável. Destarte, abandona-se a exigência inalienável da disciplina intelectual, mensurada pelo *princípio de não-contradição* e das demais leis do ser¹², para se dar lugar a absurdos patentes. Por exemplo, que uma dada proposição que, no passado, era considerada verdadeira, visto que naquele momento expressava a conformação da mente com a vida, passe a ser considerada como inadequada e, desta sorte, tenha que ser substituída por outra que, inclusive, poderá contradizê-la em termos, embora nem por isso deixe de ser menos verdadeira, uma vez que expresse, desta feita atualmente, a adequação da mente à ação. A falar com máxima exação, realmente verdadeira seria somente esta última. Sendo assim, o que, segundo a definição tradicional de verdade, era considerado *relativismo* ou *agnosticismo*

¹⁰ *Idem. Op. Cit.*: “A verdade já não é a conformidade do julgamento com o real extramental e suas leis imutáveis, mas a conformidade do julgamento com as exigências da ação e da vida humana que evolui sempre.”

¹¹ *Idem. Op. Cit.*: “Ademais, como “uma verdade imutável” se pode manter, se as duas noções que ela reúne pelo verbo *ser* são *essencialmente cambiantes*?”

¹² *Idem. Op. Cit.*

– para não dizer *irracionalismo* –, tornar-se-ia, pois, a regra última do verdadeiro e do racional.¹³ Adverte Garrigou:

É muito perigoso dizer: “as noções mudam, as afirmações permanecem”. Se muda a noção de verdade, as afirmações já não permanecem verdadeiras da mesma maneira nem segundo o mesmo sentido.¹⁴

E não é só. Ademais, urge obedecer à verdade que ora se apresenta. Assim, se o que rege a nossa vida intelectual é a lei da vida e da ação, mister é dizer que uma doutrina que não se adequar à atualidade, isto é, que não estiver em consonância com a ação, já não é mais verdadeira e deve ser relegada ao mais ínfimo grau de consideração. Por conseguinte, é a vida – que flui incessantemente no tempo –, e não o ser, que define a verdade de uma doutrina. Desta forma, mede-se a veracidade de uma doutrina pela adequação das suas proposições com a vida e a ação.¹⁵ Além disso, é claro que, num contexto onde se adotam a vida e a ação como critérios últimos de verdade, e que, de resto, concebem-se tais categorias a partir de um processo evolutivo e ininterrupto, não há mais lugar para uma *filosofia do ser* ou *ontologia* e menos ainda para uma *metafísica* tal como a concebeu Tomás: “A filosofia do ser ou ontologia é substituída pela filosofia da ação, que define a verdade em função não já do ser, mas da ação”¹⁶. Sobre a presença de um suposto tomismo nestas tendências, acentua Garrigou:

Não pensamos que os escritores de que acabamos de falar abandonam a doutrina de Santo Tomás; eles nunca aderiram a ela nem nunca a compreenderam bem. E isso é doloroso e inquietante.¹⁷

Passemos à repercussão do novo conceito de verdade na teologia.

¹³ *Idem. Op. Cit.*: “Ora, cessar de defender a definição tradicional da verdade, deixa dizer que ela é *quimérica*, que é preciso *substituí-la* por outra, vitalista e evolucionista, tudo isso conduziu ao relativismo completo, o que é um erro muitíssimo grave.”

¹⁴ *Idem. Op. Cit.*

¹⁵ *Idem. Op. Cit.*: “É uma maneira de aplicar o princípio da teologia nova: ‘uma doutrina que já não é atual já não é verdadeira’ e para alguns basta que ela não seja atual em certos meios. Daí segue estar a verdade sempre *in fiere*, jamais imutável. Ela é a conformidade do julgamento não com o ser e suas leis necessárias, mas com a vida que evolui sempre.”

¹⁶ *Idem. Op. Cit.*

¹⁷ *Idem. Op. Cit.*

4. *As consequências do novo conceito de verdade para a Teologia*

Cumpra ainda dizer que estes autores não corromperam somente a filosofia; pavoneando as suas teses, inquinaram a própria *Sagrada Teologia*. De fato, para os adeptos da *filosofia da ação*, a teologia não é senão uma *experiência religiosa* que encontrou uma *expressão intelectual*. Destarte, a teologia não seria nada mais do que a tentativa de entender uma determinada *espiritualidade*. Além disso, havendo diversas espiritualidades, pode haver também várias teologias e cada uma delas será igualmente verdadeira, inobstante possam estar em franca contradição entre si. E como numa concepção de verdade onde não há lugar para uma doutrina permanente não pode haver dogmas, importa apenas que cada teologia deduza as suas certezas de forma condizente com a experiência religiosa que tentar descrever, não importando mais o quanto elas sejam contraditórias entre si. Com efeito, desde que se mantenham fiéis às experiências religiosas de onde brotaram, todas estas certezas teológicas serão igualmente verdadeiras.¹⁸ Ante este estado de coisas, conclui Garrigou: “Isso nos aproxima singularmente do modernismo”¹⁹. Deveras, a nova teologia não é senão uma volta ao modernismo, já que acolhe a definição de verdade modernista:

Para onde vai a nova teologia? Ela volta ao modernismo. Porque aceitou a proposição que se lhe fazia: a de substituir a definição tradicional da verdade: *adaequatio rei et intellectus realis mentis et vitae*.²⁰

Passemos às considerações finais deste texto.

¹⁸ *Idem. Op. Cit.*: “Não é a nova definição da verdade o que se encontra sob a nova definição de teologia: a teologia não é senão uma espiritualidade ou experiência religiosa que encontrou a sua expressão intelectual? E, então, que pensar de asserções como esta: ‘Se a teologia nos pode ajudar a compreender a espiritualidade, a espiritualidade, por seu turno, fará explodir nossos quadros teológicos e nos obrigará a conceber diversos tipos de teologia (...). A cada grande espiritualidade correspondeu uma grande teologia’? Quererá isso dizer que duas teologias podem ser verdadeiras, ainda que se oponham contraditoriamente em suas teses capitais? Responder-se-á não se se mantiver a definição tradicional da verdade. Dir-se-á sim se se adotar a nova definição de verdadeiro, concebido não com relação ao ser e a suas leis imutáveis, mas com relação a diferentes experiências religiosas.”

¹⁹ *Idem. Op. Cit.*

²⁰ *Idem. Op. Cit.*

Conclusão

A crítica à nova teologia e à filosofia da ação consiste na substituição que estas operam no próprio conceito de verdade. Para a filosofia clássica, a verdade era a adequação do intelecto à coisa. Já na filosofia da ação, a verdade passa a ser a *adequação da mente à vida*. Ora, a mente, enquanto mente humana, na concepção da filosofia da ação, está sujeita à mudança. Por outro lado, a vida também está sujeita à mudança; melhor, a vida consiste num movimento de constante mudança. A vida é o devir. Logo, este novo conceito de verdade, em sua própria definição, exclui qualquer possibilidade de chegarmos à formulação de proposições perenes, isto é, válidas para todos os tempos e lugares. Isto se deve ao fato de que, na concepção da *filosofia da ação*, o homem se identifica com a sua vida e esta, por sua vez, consiste num feixe contínuo de ações que se sucedem e que expressam a incessante inadequação entre a vontade querida e a vontade que se quer. Ora, a partir deste ponto de vista, seria contrária à natureza humana a existência de princípios imutáveis.

A principal consequência desta concepção de verdade é a inexistência de verdades universais e necessárias. Mas o que isto significa? Significa que uma proposição, que hoje é verdadeira por adequar-se à ação, amanhã, quando o dinamismo da vida mudar e o eixo da ação deslocar-se, esta mesma proposição poderá tornar-se obsoleta e, destarte, ter que ceder lugar à outra proposição, que passará a ser verdadeira, não por se adequar à coisa, mas sim por se conformar com a ação. Nesta perspectiva, o que vale na concepção da verdade, não é mais o *princípio de não-contradição* e das demais *leis imutáveis do ser* e sim a conformidade das nossas proposições com a vida, que é um agir constante, vale lembrar, uma ininterrupta inconformidade entre o que se quer e o que se tem.

Na teologia, quando se adota esta concepção de verdade, ocorre uma predominância da experiência religiosa sobre o dogma. Neste sentido, a teologia reduz-se a fórmulas que procuram traduzir a experiência religiosa. Ora, o fato de existirem muitas experiências religiosas, algumas das quais contraditórias entre si, não resulta em nenhum problema nesta ótica. Desde que o teólogo saiba expressá-las, pouco importa se elas entram em choque umas com outras. Na verdade, o que realmente interessa, é que as fórmulas saibam exprimir a espiritualidade de uma determinada ordem, comunidade, etc.

BIBLIOGRAFIA

BLONDEL, Maurice. **L'Action**. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt**. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **L' Action**. MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente Vol 3**. 6ª ed. Trad. Benôni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1983.

DENZINGER, Enrique. **El Magisterio de La Iglesia: Manual de los Simbolos, Definiciones y Declaraciones de la Iglesia en Materia de Fe y Costumbres**. Trad. Daniel Ruiz Bueno. Barcelona: Editorial Herder, 1963.

GARRIGOU-LAGRANGE. **Para onde vai a Nova Teologia?** In: GARRIGOU-LAGRANGE. **La Synthèse Thomiste**. Paris: E. Desclée de Brouwer, 1946. Disponível em: << http://permanencia.org.br/drupal/node/881#footnoteref13_dgn5do1>>. Acesso em 15/09/2011.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente Vol 3**. 6ª ed. Trad. Benôni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1982.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.